

# LA GAUCHE AUJOURD'HUI, EN FRANCE

*LEFT TODAY, IN FRANCE*

A ESQUERDA HOJE, NA FRANÇA

**Michel Wieviorka\***

Doutor em Letras e Ciências Humanas  
Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS)  
Fondation Maison des Sciences de l'Homme (FMSH), França.  
wiev@ehess.fr

Texto recebido aos 08/08/2018 e aceito para publicação aos 30/12/2018

## Résumé:

D'après les débats établis lors du séminaire "La gauche aujourd'hui : dialogues entre l'Amérique latine et l'Europe", tenu à l'Université de Brasília en octobre 2017, ce texte présente des réflexions sur la gauche aujourd'hui en France.

Mots-clés: gauche mondiale. Différends politiques, France

## Abstract:

From the debates established at the seminar "The Left in Today: Dialogues Latin America and Europe", held at the University of Brasilia in October 2017, this text presents reflections on the left today in France.

Keywords: world lefts. political disputes. France.

\* Diretor de Estudo da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) e presidente da Fondation Maison des Sciences de l'Homme (FMSH), França. Doutor em Letras e Ciências Humanas e ex-diretor do Centre d'analyse et d'intervention sociologiques (CADIS, EHESS-CNRS) entre 1993 e 2009. De 2006 a 2010, foi presidente da Associação Internacional de Sociologia AIS/ISA, e é membro desde de 2014 do Conseil scientifique de l'ERC (European Research Council).



This work is licensed under a Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

## Resumo:

A partir dos debates estabelecidos no seminário "Las Izquierdas en la Actualidad: Diálogos América Latina y Europa", realizado na Universidade de Brasília em outubro de 2017, este texto apresenta reflexões sobre a esquerda, atualmente, na França.

Palavras chaves: esquerda mundial, disputas políticas, França.

**I**l est difficile de parler de la gauche aujourd'hui, en France comme dans de nombreux autres pays, sans faire preuve d'un immense découragement. Non seulement la gauche française donne l'image de la décomposition, mais tout donne à penser qu'elle s'est elle-même très largement autodétruite.

### 1. Un bilan sans nuances

*Le bilan pour les années récentes est en effet vite fait. En 2012, quand François Hollande a été élu président de la République, le Parti socialiste avec ses alliés, communistes et écologistes, dominait à peu près tout le système politique français : il contrôlait ou détenait la présidence de la République, donc, la quasi totalité des Régions, une majorité de Départements, de nombreuses grandes villes, la Chambre des députés et même, fait exceptionnel, le Sénat. Cinq ans plus tard, il a presque tout perdu, la présidence de la République, de nombreuses Régions et Départements, de nombreuses villes, l'Assemblée nationale, le Sénat, et il vient d'annoncer la mise en vente de son siège, le bâtiment de la rue de Solférino à Paris.*

**É** difícil falar da esquerda hoje, tanto na França como em muitos outros países, sem mostrar um imenso desânimo. Não só a esquerda francesa revela uma imagem de decomposição, mas tudo leva a crer que ela se autodestruíu enormemente.

### 1. Um balanço sem nuances

O balanço dos últimos anos pode, de fato, ser feito rapidamente. Em 2012, quando François Hollande foi eleito presidente da República, o Partido Socialista com seus aliados, comunistas e ecologistas, dominava quase todo o sistema político francês. Ele controlava ou detinha a presidência da República, portanto a quase totalidade das Regiões, a maioria dos Departamentos, muitas cidades de maior porte, a Câmara dos Deputados e, inclusive, fato excepcional, o Senado. Cinco anos depois, ele perdeu quase tudo, a presidência da República, muitas Regiões e Departamentos, muitas cidades, a Assembleia Nacional, o Senado, e acaba de anunciar a venda de sua sede, o edifício da Rua de Solférino em Paris.

*Une analyse juste, mais encore très superficielle, critiquera la gauche au pouvoir durant cinq ans, à commencer par le chef de l'Etat, dont je dirai simplement qu'il n'avait pas la carrure pour endosser le costume de président de la République française. A peine moins superficiellement, on pourra dire aussi qu'un cycle politique inauguré il y a bientôt cinquante ans vient de s'achever : à l'époque la gauche française était décomposée, en dehors d'un Parti communiste encore très puissant, mais pourtant en fait déjà affaibli comme l'avait montré le mouvement de mai 68, et l'essor du gauchisme dans sa retombée. Gaston Defferre, improbable « Monsieur X » des médias en 1965, n'avait obtenu que 5% de voix en 1969, et c'est dans ce contexte qu'est créé le Parti socialiste, ce qui ouvre la voie au Congrès d'Epinais de 1971, qui marque véritablement le début du processus de constitution d'une puissante force de gauche, en plus du PCF. Dix ans plus tard, François Mitterrand est élu : c'est la fin de cette phase de construction inaugurée donc à la fin des années 60.*

*Au cours de ce cycle, c'est d'abord le Parti communiste qui est entré dans une phase de déclin historique. Alors qu'au sortir de la Deuxième guerre mondiale, il pouvait compter sur près du quart de l'électorat, il va sortir laminé du cycle qui nous occupe, il ne représente plus aujourd'hui que deux ou trois pour cents de l'électorat, tout en ayant conservé un appareil encore capable d'action.*

*Puis plus tardivement, le Parti socialiste au pouvoir s'est à son tour décomposé, incapable de se renouveler dans son personnel politique, arrogant pour ceux qui étaient au pouvoir, incapable aussi de*

Uma análise justa, mas ainda muito superficial, criticaria a esquerda que esteve no poder por cinco anos, começando pelo chefe de Estado, sobre o qual, eu diria simplesmente, que não tinha a robustez necessária para se investir do cargo de presidente da República francesa. Um pouco menos superficialmente, poderíamos dizer também que um ciclo político inaugurado há quase cinquenta anos acaba de se fechar. Nesse período, a esquerda francesa estava descomposta – com exceção do partido comunista ainda muito poderoso, mas que já demonstrava enfraquecido como já corroboraria o movimento de maio de 1968 - e a ascensão do esquerdismo em plena recaída. Gaston Defferre, improvável "Mr. X" da mídia em 1965, tinha obtido apenas 5% dos votos em 1969, e nesse contexto que foi criado o Partido Socialista, abrindo o caminho para o Congresso de Epinais de 1971, que marca, verdadeiramente, o início do processo de construção de uma poderosa força de esquerda, além do PCF. Dez anos depois, François Mitterrand é eleito: é o fim dessa fase de construção inaugurada no final dos anos sessenta.

Durante este ciclo, o partido comunista foi o primeiro a entrar em uma fase de declínio histórico. Se no final da Segunda Guerra Mundial o partido comunista podia contar com quase um quarto do eleitorado, ele sai reduzido do ciclo que tratamos aqui. Hoje, ele representa apenas dois ou três por cento do eleitorado, embora ainda conserve uma estrutura ainda capaz de ação.

Depois, mais tarde, foi a vez do partido socialista no poder se decompor, incapaz de renovar seu quadro político, arrogante com os que estavam no poder, incapaz também de reencontrar o caminho das

*retrouver le chemin des idées, ou de se doter d'un nouveau leadership. Ajoutons, pour finir cette analyse encore très superficielle, que l'écologie politique, très ancrée à gauche, a donné elle aussi l'image de l'essoufflement, ses responsables ont agi comme de petits marquis politiques, et leur parti, EELV, a sombré en même temps que le PS.*

## **2. Des valeurs non respectées ?**

*Des phénomènes comparables s'observent dans d'autres pays, ce qui laisse penser que l'expérience française n'est pas exceptionnelle, et qu'elle s'inscrit dans un mouvement d'ensemble, qui est celui du déclin historique des formules de gauche. Ce déclin, en France, n'est donc pas seulement l'échec du personnel politique de gauche, même si je l'ai dit la responsabilité de François Hollande et de ceux qui l'ont porté aux affaires est considérable. C'est un déclin mondial.*

*Comment expliquer ce déclin, à la fois à l'échelle mondiale, et dans ses caractéristiques proprement françaises ? L'analyse ici doit partir, me semble-t-il, d'une réflexion générale sur ce que signifie ce qu'on appelle « la gauche ».*

*L'expression elle-même date de la Révolution française, au moment de la Constituante, quand en 1789, ceux des députés qui voulaient interdire au roi d'avoir un droit de veto se sont placés à gauche du président de l'assemblée, et ceux qui y étaient favorables à droite. Elle ne se comprend donc que dans l'opposition de la gauche à la droite, dans le couple ou le système politique qu'elles forment.*

ideias ou de constituir uma nova liderança. Podemos acrescentar para concluir esta análise ainda muito superficial, que a ecologia política, muito ancorada na esquerda, também deixou transparecer uma imagem de estrangulamento, seus responsáveis agiram como pequenos marqueses políticos, e seu partido, EELV, afundou junto com o PS.

## **2. Valores não respeitados?**

Fenômenos semelhantes podem ser observados em outros países, o que nos leva a crer que a experiência francesa não é excepcional e faz parte de um movimento global, que é o do declínio histórico das fórmulas da esquerda. Esse declínio, na França, não é apenas o fracasso do quadro político de esquerda, embora eu tenha dito que a responsabilidade de François Hollande e daqueles que o colocaram ali é considerável. Trata-se de um declínio mundial.

Como explicar esse declínio, tanto em escala mundial quanto em suas características propriamente francesas? A análise aqui deve partir, me parece, de uma reflexão geral sobre o que significa o que chamamos de "esquerda".

A expressão data da Revolução Francesa, quando em 1789, no momento da Assembleia Constituinte, os deputados que queriam proibir o rei de ter um direito de veto se colocaram à esquerda do presidente da assembleia e aqueles que eram favoráveis à direita. A expressão somente pode ser compreendida na oposição da esquerda à direita, considerando o par ou o sistema político que eles formam.

*En France, l'opposition s'est renforcée lors de la Troisième république, mais contrairement à une idée trop simple, c'est selon non pas un seul clivage, mais au moins trois que s'est développée l'idée de gauche. Le premier clivage était social – c'est le plus connu : être de gauche, c'était être du côté du mouvement ouvrier, être de droite, du côté de l'ordre capitaliste et des maîtres du travail. Le deuxième clivage était dans la conception de l'organisation territoriale : être à gauche, mais avec des nuances, c'était plutôt être jacobin, être à droite, c'était être plutôt girondin, la gauche était plutôt centralisatrice, la droite régionaliste. Mais on trouvait à gauche des girondins, et à droite des jacobins. Enfin, un troisième clivage opposait les Républicains, qui étaient aussi « dreyfusards », et les nationalistes, qui étaient aussi antidreyfusards, et pour l'essentiel catholiques et antisémites, là aussi avec des gens de gauche qui pouvaient être antisémites, et des catholiques qui ne l'étaient pas.*

*On a parfois réduit ces clivages à l'image d'une opposition de valeurs : à gauche, égalité, solidarité, progrès, sens critique pouvant conduire à la révolte, contre à droite liberté, ordre et sécurité, conservatisme par exemple.*

*Mais si cette opposition de valeurs semble moins bien fonctionner, c'est*

Na França, a oposição se fortaleceu durante a Terceira República, mas ao contrário de uma ideia simples, foi a partir não apenas de uma distinção, mas de pelo menos três distinções que a ideia de esquerda se desenvolveu. A primeira distinção era social – é a mais conhecida: ser de esquerda era estar do lado do movimento operário, ser de direita, era estar do lado da ordem capitalista e dos senhores do trabalho. A segunda distinção era na concepção da organização territorial: ser de esquerda, com nuances, era ser preferencialmente jacobino; ser de direita era ser preferencialmente girondino. A esquerda era mais centralizadora, a direita mais regionalista. No entanto, encontrávamos girondinos na esquerda e os jacobinos na direita. Finalmente, uma terceira distinção opunha os Republicanos, que também eram "dreyfusards"<sup>2</sup> e os nacionalistas, que eram também "anti-dreyfusards" e, essencialmente, católicos e antisemitas. Aqui também poderia haver pessoas de esquerda antisemitas e católicos que não eram antisemitas.

Algumas vezes, reduzimos essas distinções à imagem de uma oposição de valores: à esquerda, igualdade, solidariedade, progresso, senso crítico que pode levar à revolta e, contrariamente, à direita, liberdade, ordem, segurança e conservadorismo, por exemplo.

Mas se essa oposição de valores parece não funcionar tão bem quanto antes é

<sup>2</sup> Chama-se « dreyfusards » aqueles que eram favoráveis a Alfred Dreyfus e « anti-dreyfusards », aqueles que eram contra ele e a favor de sua condenação no caso que ficou conhecido como « Affaire Dreyfus » e que dividiu a França em 1894. Alfred Dreyfus, um oficial da artilharia do exército francês de origem judaica condenado por alta traição, foi vítima de um processo fraudulento conduzido a portas fechadas. Dreyfus era inocente e sua condenação baseava-se em documentos falsos. Quando os oficiais de alta patente franceses perceberam isto, tentaram ocultar o erro judicial. A farsa foi acobertada por uma onda de nacionalismo e xenofobia que invadiu a Europa no final do século XIX e início do século XX. (Nota da tradutora).

*certainement parce que l'on ne peut pas réduire la gauche (ni la droite) à des valeurs, ou si on préfère à une idéologie : la gauche, c'est certes des valeurs, mais pour que celles-ci s'incarnent, il faut des forces politiques concrètes, et il faut que ces forces politiques soient dans une relation favorable avec la société réelle, avec ses attentes. Ce qui nous conduit à une analyse reposant sur la nature et l'évolution de cette relation, et implique d'examiner d'une part les forces de gauche, en France pour l'essentiel socialistes et communistes, les demandes et attentes sociales, et ceux qui éventuellement expriment cette relation, ou proposent des utopies, des projets – on dira : les intellectuels.*

### **3. Autonomie ou non du politique**

*Si la gauche politique, dans ses expressions concrètes, ses partis, ses organisations, s'est construite partout dans le monde en fonction des réalités sociales, économiques, culturelles, religieuses éventuellement, c'est selon des modalités distinctes. Et pour comprendre les caractéristiques contemporaines de la crise de la gauche, il faut partir de la façon dont, tout au long de l'ère dont nous sortons, elle s'est construite dans sa relation à la société civile et aux intellectuels.*

*Une telle relation est située dans un espace qui compte deux extrémités opposées.*

*A une extrémité, telle ou telle forme particulière, parti, organisation est totalement ou très fortement en phase avec des demandes sociales et culturelles, soit de façon bottom up, de bas en haut, soit de façon top down, de haut en bas. Dans un*

certamente porque não se pode reduzir a esquerda (ou a direita) a valores ou, se preferirmos, a uma ideologia: a esquerda implica certamente valores, mas para que esses valores sejam incorporados, forças políticas concretas são necessárias, e essas forças políticas devem estar em uma relação favorável com a sociedade real, com suas expectativas. Isso nos conduz a uma análise sobre a natureza e a evolução dessa relação que implica examinar, por um lado, as forças da esquerda, sendo na França essencialmente socialistas e comunistas, e suas demandas e expectativas sociais e, de outro lado, aqueles que, eventualmente, expressam essa relação ou propõem utopias e projetos – isto é: os intelectuais.

### **3. Autonomia ou não do político**

Se a esquerda política, em suas expressões concretas, seus partidos, suas organizações, construiu-se em todo o mundo em função das realidades sociais, econômicas, culturais, religiosas eventualmente, foi a partir de modalidades distintas. E para entender as características contemporâneas da crise da esquerda, devemos partir do modo como, ao longo da época em que vivemos, ela foi construída em sua relação com a sociedade civil e os intelectuais.

Uma tal relação está situada em um espaço que tem duas extremidades opostas.

Em uma extremidade, esta ou aquela forma particular de partido, de organização, está totalmente ou muito fortemente ligada às demandas sociais e culturais, seja de modo *bottom up*, de baixo para cima, ou de modo *top down*, de

*cas, l'acteur politique, disons le parti, est le prolongement direct de l'acteur social ou culturel, dans l'autre cas, l'acteur politique contrôle l'acteur social ou culturel, lui dicte ses conduites via des organisations comme des syndicats ou des associations. En France, nous n'avons jamais eu vraiment de modèle bottom up, contrairement aux pays ayant connu la social-démocratie, ou une de ses variantes, par exemple travailliste, dans laquelle le parti est posé sur le syndicat et s'efforce d'accéder ou de se maintenir au pouvoir pour faire fonctionner l'Etat-Providence. Il y a là un problème structurel, historique, qui en France doit beaucoup à la nature du premier syndicalisme, celui de la CGT à la fin du XIXème siècle et au début du XXème siècle. Ce syndicalisme, comme l'a fort bien étudié Jacques Julliard, était anarcho-syndicalisme, d'action directe, il voulait l'indépendance totale du syndicalisme par rapport à la politique, ce qui a été symbolisé par la célèbre Charte d'Amiens, une motion affirmant cette indépendance lors du Congrès d'Amiens de la CGT en 1906. La conséquence est que l'action politique s'est construite dans cette distance, loin du principal acteur social de la société industrielle. Par contre, la France a eu dès 1921 et le Congrès de Tours un puissant Parti communiste, pour lequel les forces vives de la société sont guidées par le « Parti », selon une logique top down. Le syndicalisme est alors la « courroie de transmission » du Parti, qui seul, selon les principes du marxisme-léninisme, a pleine et entière conscience de ce qu'il faut faire. C'est en fait surtout avant la deuxième guerre mondiale, puis dans les années dites des Trente Glorieuses, de 1945 à*

cima para baixo. Na primeira, o ator político, digamos o partido, é a extensão direta do ator social ou cultural; na segunda, o ator político controla o ator social ou cultural e lhe dita seus comportamentos via organizações como sindicatos ou associações. Na França, nunca tivemos realmente um modelo de *bottom up*, diferentemente de países que conheceram a socialdemocracia ou uma de suas variantes, por exemplo, a trabalhista, na qual o partido tem sua base no sindicato e se esforça para acessar ou se manter no poder para fazer funcionar o Estado Providência. Existe aí um problema estrutural, histórico, que, na França, deve muito à natureza do primeiro sindicalismo, o da CGT no final do século XIX e início do século XX. Esse sindicalismo, como muito bem estudou Jacques Julliard, era anarco-sindicalismo, de ação direta, que queria a independência total do sindicalismo em relação à política. Essa ideia ficou simbolizada na famosa Carta de Amiens, uma moção afirmando essa independência durante o Congresso de Amiens da CGT em 1906. Como resultado, a ação política foi construída nessa distância, longe do principal ator social da sociedade industrial. De outra forma, a França teve desde 1921 e do Congresso de Tours, um poderoso Partido Comunista, para o qual as forças vivas da sociedade deveriam ser guiadas pelo "Partido" de acordo com uma lógica *top down*. O sindicalismo seria, então, a "correia de transmissão" do Partido que, sozinho, de acordo com os princípios do marxismo-leninismo, teria plena e inteira consciência do que devia ser feito. Foi principalmente antes da Segunda Guerra Mundial e depois nos anos conhecidos como "Trinta Gloriosos", de 1945 a 1975,

*1975 que le PCF a pu incarner puissamment cette deuxième logique.*

*A l'autre extrémité de notre espace théorique de la relation entre parti de gauche et société civile, on trouve au contraire la distance absolue, c'est-à-dire l'autonomie du politique par rapport au social. La France, je viens de le dire, n'a jamais été social-démocrate, mais plus largement, les Français se définissent plus volontiers par rapport à l'Etat, et donc directement à la politique, que par rapport à la société civile, avec ses associations, ses ONGs, ses syndicats. C'est ce qui a toujours favorisé une réelle distance entre la politique, et les demandes sociales culturelles et religieuses, en tous cas à certaines périodes de l'histoire de la gauche française. On pourrait ici opposer le Front Populaire, en 1936, et mai 68 : en 1936, la politique à gauche, et l'action sociale, ouvrière, syndicale, se sont relativement bien complétées, alors qu'en 68, les partis de gauche étaient tout à fait extérieurs au mouvement, avec un Parti communiste débordé, et des socialistes inexistantes.*

*Ce qui vient de se passer ces dernières années doit beaucoup à cette distance de la gauche et de la société civile, une distance qui a pris au Parti socialiste la forme d'une confiance démesurée vis-à-vis d'idéologies gestionnaires plus ou moins technocratiques, c'est-à-dire ignorantes de la société civile telle qu'elle est : « nous sommes au pouvoir, et nous savons gérer » disaient en gros les détenteurs du pouvoir - surtout ceux qui sont sortis de l'ENA... Ce qui a eu également pour effet d'éloigner la gauche aux affaires du monde des idées et des*

que o PCF pôde encarnar fortemente essa segunda lógica.

Na outra extremidade do nosso espaço teórico da relação entre partido de esquerda e sociedade civil, encontramos, pelo contrário, a distância absoluta, ou seja, a autonomia da política em relação ao social. A França, como eu disse, nunca foi socialdemocrata, mas, de forma mais ampla, os franceses se definem mais facilmente em sua relação com o Estado e assim diretamente com a política, do que em relação à sociedade civil, com suas associações, suas ONGs, seus sindicatos. Isso sempre favoreceu uma distância real entre a política e as demandas sociais, culturais e religiosas, pelo menos em certos períodos da história da esquerda francesa. Aqui poderíamos opor a Frente Popular em 1936 e maio de 68. Em 1936, a política da esquerda e a ação social, operária e sindical se complementavam relativamente bem, enquanto que, em 68, os partidos de esquerda estavam fora do movimento, com um Partido Comunista sobrecarregado e partidos socialistas inexistentes.

O que tem acontecido nos últimos anos se deve muito a essa distância entre a esquerda e a sociedade civil, uma distância que tomou no Partido Socialista a forma de uma confiança desproporcional vis-à-vis às ideologias gerenciais mais ou menos tecnocráticas, isto é, que ignoram a sociedade civil como ela é: "estamos no poder e sabemos como administrar", diziam, grosso modo, os detentores do poder - especialmente aqueles que saíram da ENA<sup>3</sup> ... O que também teve por efeito afastar a esquerda dos assuntos do mundo das ideias e dos intelectuais, uma

<sup>3</sup> ENA, sigla francesa para Escola Nacional de Administração (École Nationale d'Administration). (Nota da tradutora).



*intellectuels, une réelle arrogance tenant lieu de connaissance de la société et de ceux qui produisent des connaissances.*

*Est-ce-à dire qu'une fois le Parti communiste quasiment disparu, il y a eu en France totale autonomie du politique durant les années les plus récentes par rapport à la société ? Pas vraiment. D'une part, la gauche a toujours pu s'appuyer sur une logique que l'on peut qualifier, en termes très critiques, de clientéliste et qui est parfois appelée le « socialisme municipal ». Son ancrage dans la société s'est souvent opéré grâce à cette présence locale, qui fait notamment que de nombreux employés municipaux tiennent leur emploi de leur lien privilégié avec le Parti socialiste. Le tissu local du PS a ainsi résisté à la grande décomposition de ce parti au niveau national, comme on l'a constaté très récemment aux élections sénatoriales (septembre 2017), au cours desquelles les sénateurs sont élus par des élus locaux, et non par la population. Et d'autre part, la gauche aux affaires ne peut pas être indifférente aux acteurs sociaux ou culturels lorsqu'ils s'expriment avec force en faisant grève ou en protestant dans la rue, elle tient compte de ce type de mobilisation, surtout lorsqu'elle comporte des formes de blocage, par exemple de la part de transporteurs routiers ou dans les transports publics.*

*Les responsables politiques de la gauche en France ont dans les années 90 commencé à comprendre qu'il y avait un danger pour eux à s'émanciper de tout rapport à la population dans ses demandes sociales ou culturelles. C'est pourquoi il y a eu quelques velléités de la part de certains leaders de promouvoir non pas tant un changement dans la représentation*

verdadeira arrogância ao invés de conhecimento da sociedade e daqueles que produzem este conhecimento.

Poderíamos então dizer, uma vez que o partido comunista quase desapareceu, que houve na França total autonomia da política nos últimos anos em relação à sociedade? Não totalmente. Por um lado, a esquerda sempre pôde se apoiar em uma lógica que podemos qualificar, em termos muito críticos, de clientelista e que é, algumas vezes, chamada de "socialismo municipal". Sua sobrevivência na sociedade quase sempre se deu graças a essa presença local, que faz com que muitos funcionários municipais consigam seus empregos por causa da relação privilegiada que mantêm com o partido socialista. O tecido local do PS resistiu, assim, à grande decomposição desse partido em nível nacional, como vimos muito recentemente nas eleições para o Senado (setembro de 2017), durante as quais os senadores foram eleitos pelos representantes locais eleitos e não pela população. E, por outro lado, a esquerda oficial não pode ficar indiferente aos atores sociais ou culturais quando estes se expressam com força fazendo greve ou protestando na rua, ela deve levar em conta esse tipo de mobilização, especialmente quando envolve formas de paralização como, por exemplo, por parte de transportadores rodoviários ou nos transportes públicos.

Os políticos responsáveis pela esquerda na França começaram, na década de 90, a entender que seria perigoso para eles se eximirem de qualquer relação com a população no que diz respeito a suas demandas sociais ou culturais. É por isso que houve algumas intenções fracas e hesitantes por parte de alguns líderes de promover, não tanto uma mudança na

*politique, qui est au cœur de la démocratie libérale, qu'en apportant d'autres modalités de la vie démocratique. C'est ainsi que Ségolène Royal, dans sa campagne lors de l'élection présidentielle de 2007, a mis en avant le thème de la démocratie participative, un thème parfois repris localement, y compris par la Mairie de Paris, mais qui n'a de fait jamais eu un grand impact dans la société française.*

#### **4. Changement de société**

*La situation présente de la gauche ne peut pas être examinée sans réflexion sur le type de société qu'il pourrait s'agir pour elle de représenter. Il faut ici partir d'une idée centrale, qui est que la France, comme d'autres pays occidentaux, est sortie de l'ère industrielle, pour entrer dans l'ère de la communication, parfois dite aussi post-industrielle.*

*A l'époque industrielle, la gauche, même artificiellement, pouvait en partie au moins dire qu'elle entretenait un lien avec le prolétariat ouvrier, avec le syndicalisme, quelle était anticapitaliste. Mais le mouvement ouvrier a perdu sa centralité, et dans ce changement, de nouveaux acteurs sociaux et culturels ont commencé à apparaître. Ce furent dès les années 60 les « nouveaux mouvements sociaux » étudiés par Alain Touraine et une équipe à laquelle j'ai participé dans la deuxième moitié des années 70, puis les luttes altermondialistes, les mouvements alter-globaux –auxquels la France a peu participé.*

*En fait, la société civile française, qu'il s'agisse des acteurs nés dans l'ère précédente, à commencer par les*

representação política, que está no coração da democracia liberal, mas de trazer outras modalidades de vida democrática. Assim, Ségolène Royal, em sua campanha durante a eleição presidencial de 2007, colocou em primeiro plano o tema da democracia participativa; tema esse por vezes retomado localmente, inclusive pela Prefeitura de Paris, mas que nunca teve de fato um grande impacto na sociedade francesa.

#### **4. Mudança de sociedade**

A situação atual da esquerda não pode ser examinada sem que se faça uma reflexão sobre qual tipo de sociedade que ela representa. Tem de se partir de uma ideia central, que a França, assim como outros países ocidentais, saiu da era industrial para entrar na era da comunicação, às vezes também chamada de pós-industrial.

Na época industrial, a esquerda, mesmo artificialmente, podia, pelo menos em parte, dizer que tinha um vínculo com o proletariado da classe trabalhadora, com o sindicalismo, que era anticapitalista. Mas o movimento operário perdeu sua centralidade e, nessa mudança, novos atores sociais e culturais começaram a aparecer. Assim foi desde os anos 60 quando surgiram os "novos movimentos sociais", estudados por Alain Touraine e uma equipe da qual participei na segunda metade dos anos 70, e logo as lutas altermondialistas, movimentos alter-globais - das quais a França participou pouco.

Na verdade, a sociedade civil francesa, seja a dos atores nascidos na era anterior, começando pelos sindicatos, seja a dos

*syndicats, ou de nouveaux acteurs sociaux et culturels, est très faible, peu capable d'action. Il n'y a rien de comparable à ce que l'on a observé ailleurs, avec des mouvements comme Occupy Wall Street au Etats-Unis ou le 15M des Indignados en Espagne, qui ont l'un apporté une partie de son souffle à la campagne de Bernie Sanders lors des primaires démocrates aux Etats-Unis, l'autre donné naissance à Podemos. Les manifestations récentes sur l'emploi et le travail n'ont pas été très puissantes, témoignant des difficultés du syndicalisme en France, et l'expérience de Nuit Debout, en 2016, qui pouvait faire penser à celle des Indignados, s'est vite achevée, et sans grand impact. La crise de la gauche n'est donc pas seulement une crise politique, une crise de la représentation politique, elle est aussi une crise de ce qu'il y a à représenter, une crise sociale, elle vient aussi signifier que nous manquons en France de capacité de la société civile à construire les grands combats qui obligent des acteurs politiques à les relayer. Disons-le simplement : il n'y aura reconstruction de la gauche que lorsque la société civile elle-même s'éveillera davantage.*

### **5. Changements chez les intellectuels**

*La gauche a besoin pour exister d'idées, d'idéologies, d'utopies, elle a besoin d'être critique, elle a besoin de projets. Encore faut-il qu'elle en ressente le besoin, l'envie, et qu'elle témoigne de sa confiance vis-à-vis de ceux dont c'est la fonction de produire des idées, des idéologies, des utopies, des critiques, des projets. Il est clair que depuis l'arrivée au pouvoir de François Hollande, ce besoin,*

novos atores sociais e culturais, é muito fraca, pouco capaz de ação. Não há nada comparável ao que foi vimos acontecer em outros países, com movimentos como *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos ou os 15 milhões de *Indignados* na Espanha, que trouxeram, o primeiro, um pouco de fôlego à campanha de Bernie Sanders nas primárias democratas nos Estados Unidos, e o segundo, que deram origem ao *Podemos*. As manifestações recentes por emprego e trabalho não surtiram muitos efeitos, testemunhando as dificuldades do sindicalismo na França, e a experiência de *Nuit Debout* em 2016, que poderia lembrar a dos *Indignados*, acabou rapidamente e sem muito impacto. A crise da esquerda não é apenas uma crise política, uma crise da representação política, é também uma crise do que há para representar, uma crise social, o que significa também que falta na França capacidade para a sociedade civil de construir grandes lutas que forçariam os atores políticos a reciclarem. Para dizer de modo simples: apenas haverá reconstrução da esquerda quando a própria sociedade civil despertar mais.

### **5. Mudanças entre os intelectuais**

A esquerda para existir precisa de ideias, ideologias, utopias, precisa ser crítica, precisa de projetos. Mas é necessário que ela sinta essa necessidade, esse desejo e que demonstre sua confiança em relação àqueles cuja função é produzir ideias, ideologias, utopias, críticas, projetos. Ficou claro que, desde que François Hollande assumiu a presidência, essa necessidade, esse desejo, não foram

*cette envie n'ont guère été exprimés par le pouvoir, qui à l'évidence préférerait les journalistes aux intellectuels. j'ai vécu personnellement ce problème car j'étais proche de Martine Aubry, qui a été première secrétaire du PS avant 2012, et qui à ce titre a mis en place un « Laboratoire d'idées », le « Lab », au siège du PS –je l'ai aidé à monter ce « Lab ». Celui-ci a purement et simplement disparu dès l'élection de François Hollande.*

*Mais les idées, les idéologies, les utopies, les projets sont comme les mouvements sociaux et culturels : ils ne se commandent pas, leur surgissement ne se décrète pas d'en haut, il y faut des conditions favorables, un contexte social, culturel, des milieux intellectuels. Or la vie intellectuelle proprement dite a beaucoup changé en France au cours des cinquante dernières années.*

*Dans les années 60, la figure classique de l'intellectuel public était rayonnante, il fallait choisir entre Jean-Paul Sartre et Raymond Aron, ou Albert Camus pour les plus littéraires, il y avait à droite André Malraux, le PCF encore puissant était capable de mobiliser bien des intellectuels, organiques ou non. Puis une nouvelle époque a commencé, avec la montée en puissance de grandes figures incarnant les sciences humaines et sociales, le plus souvent structuralistes, les uns marxistes, les autres ne l'étant pas. C'est la haute époque du *Nouvel Observateur*, et d'une vie intellectuelle où l'on rencontre Foucault, Bourdieu, Althusser, Lacan, Lévi-Strauss, de grands historiens. Les grandes figures de ces sciences sociales à dominante structuraliste sont capables d'être des spécialistes mondialement reconnus dans leur domaine, et en même*

expressos pelo poder que, obviamente, preferia os jornalistas aos intelectuais. Eu, pessoalmente, experimentei esse problema quando eu estava próximo de Martine Aubry, que foi a primeira secretária do PS antes de 2012, e que, nessa função, criou um "Laboratório de ideias", o "Lab" na sede do PS - eu a ajudei a montar esse "Lab". O Laboratório, simplesmente, desapareceu após a eleição de François Hollande.

No entanto, as ideias, ideologias, utopias, projetos são como os movimentos sociais e culturais: eles não são comandados, seu aparecimento não pode ser decretado de cima para baixo, deve haver condições favoráveis, um contexto social, cultural, círculos intelectuais. Ora, a vida intelectual propriamente mudou muito na França nos últimos cinquenta anos.

Nos anos 60, a figura clássica do intelectual público estava em seu apogeu. Era necessário escolher entre Jean-Paul Sartre e Raymond Aron, ou Albert Camus para os mais literários; havia, na direita, André Malraux; o PCF, ainda poderoso, era capaz de mobilizar muitos intelectuais, orgânicos ou não. Logo, uma nova época começou, com o surgimento de grandes figuras incorporando as ciências humanas e sociais, frequentemente estruturalistas, alguns marxistas, outros não. Foi o auge do *Nouvel Observateur* e de uma vida intelectual em que podíamos encontrar Foucault, Bourdieu, Althusser, Lacan, Lévi-Strauss e grandes historiadores. As grandes figuras dessas ciências sociais, predominantemente estruturalistas, foram capazes de ser especialistas reconhecidos mundialmente em sua área

*temps d'intervenir dans le débat public et la vie politique.*

*L'évolution des années suivantes a été triple. D'une part, la figure du grand intellectuel public a régressé, sans disparaître, mais avec pour principale caractéristique d'être dominée par des tendances conservatrices –avec Alain Finkielkraut, Régis Debray notamment, il faut lire ici l'essai qui date du début des années 2000 de Daniel Lindenberg<sup>1</sup>- et en tous cas en s'éloignant des idéologies marxistes et donc de gauche: les « nouveaux philosophes », Bernard Henry Lévy, apparaissent à la fin des années 70 pour précisément dire que l'on est entré dans une autre époque de la vie intellectuelle. Mais d'autre part, en même temps, et c'est une différence avec le cas des Etats-Unis, où les « neo-cons » suivent le mouvement politique d'ensemble, la gauche parvient aux affaires en 1981, et c'est avec une discours marxisant: le mouvement de droitisation des idées est masqué par le mouvement politique qui va à gauche. Enfin, les années 70 sont celles du décollage d'une nouvelle figure, celle du chercheur en sciences humaines et sociales, les SHS. Nous sommes des milliers aujourd'hui en France dans la recherche en SHS, avec une caractéristique qui pourrait évoluer: pour l'instant, les chercheurs sont excellents dans leur spécialité, mais généralement refusent ou ne savent pas monter en généralité, participer au débat public, s'éloigner de ce qui est leur compétence. On note quand même qu'ils sont de plus en plus nombreux à le faire. Ils apportent alors des*

e, ao mesmo tempo, de intervir no debate público e na vida política.

A evolução dos anos seguintes foi em três vias. Por um lado, a figura do grande intelectual público declinou, sem desaparecer, mas com a principal característica de estar dominada por tendências conservadoras - com Alain Finkielkraut, Régis Debray particularmente, é preciso ler o ensaio que data do início dos anos 2000 de Daniel Lindenberg<sup>4</sup> – e, em todos, distanciando-se das ideologias marxistas e, portanto, de esquerda: os "novos filósofos", Bernard Henry Levy, apareceram no final dos anos 70 para, exatamente, dizer que entramos em outra era da vida intelectual. Mas, por outro lado, ao mesmo tempo, e isso é uma diferença com o caso dos Estados Unidos onde os "néo-cons"<sup>5</sup> seguem o movimento político geral, a esquerda consegue chegar ao poder em 1981, e é com um discurso marxizante: o movimento de direitização das ideias é mascarado pelo movimento político que vai para a esquerda. Finalmente, os anos 70 são os de promoção de uma nova figura, a do pesquisador em ciências humanas e sociais, os "SHS"<sup>6</sup>. Hoje somos milhares na França fazendo pesquisas na área de SHS, com uma característica que poderia evoluir: no momento, os pesquisadores são excelentes em sua especialidade, mas geralmente recusam ou não sabem chegar a generalidade, participar do debate público, afastar-se do que é a sua competência. Notamos, no entanto, que eles são cada vez mais numerosos a fazê-lo. Eles trazem, então, conhecimentos que podem

<sup>1</sup> Daniel Lindenberg, *Le rappel à l'ordre. Enquête sur les nouveaux réactionnaires*, Paris, Seuil, 2002

<sup>4</sup> Daniel Lindenberg, *Le rappel à l'ordre. Enquête sur les nouveaux réactionnaires*, Paris, Seuil, 2002

<sup>5</sup> "Néo-cons" é a abreviação para "Néoconservateurs" (Novos conservadores). (Nota da Tradutora).

<sup>6</sup> « SHS » é a sigla para « Sciences Humaines et Sociales » (Ciências Humanas e Sociais). (Nota da Tradutora).

*connaissances qui peuvent éclairer l'action politique, lui donner une base solide.*

*Disons-le nettement : l'avenir des idées, et d'une relation forte avec ceux qui les produisent et les diffusent, passe pour une gauche à reconstruire par une relation beaucoup plus forte, et respectueuse, avec cet univers de la recherche en sciences humaines et sociales, et cette relation passe elle-même par une capacité et un désir accrus des chercheurs à s'intéresser au débat public et à s'engager à nouveau.*

## **6. La gauche et les médias**

*La relation entre acteurs, dans une société de communication et d'information, passe elle-même par des médiateurs, et donc par les médias. Cette dimension a été révolutionnée par les nouvelles technologies de communication, internet, les réseaux sociaux, et il y a là un autre aspect de la crise de la gauche.*

*La gauche, en effet, ne peut exister comme projet, comme valeurs et comme capacité d'action politique que dans un univers où le futur a sa place, où tout n'est pas dominé par l'actualité, d'une part, et par la mise en cause des valeurs universelles d'autre part. Elle a aussi besoin d'incarner des valeurs universelles, et que celles-ci soient liées à des projets d'émancipation, et d'accroissement des droits.*

*Or d'une part l'évolution technologique a favorisé ce que l'historien François Hartog a appelé le « présentisme », l'incapacité à penser en dehors de l'actualité, à se projeter loin vers le futur, et donc aussi à considérer intelligemment*

esclarecer a ação política, dar-lhe uma base sólida.

Digamos claramente: o futuro das ideias e de uma relação forte com aqueles que as produzem e disseminam, depende de uma esquerda a ser reconstruída por uma relação muito mais forte e respeitosa com esse universo de pesquisa em ciências humanas e sociais, e essa relação, ela mesma, depende da capacidade e de um desejo maior por parte dos pesquisadores em se interessar pelo debate público e se comprometerem novamente.

## **6. A esquerda e a mídia**

A relação entre atores, em uma sociedade de comunicação e informação, depende, ela mesma, de mediadores e, portanto, da mídia. Essa dimensão foi revolucionada pelas novas tecnologias de comunicação, internet, redes sociais, e aqui temos um outro aspecto da crise da esquerda.

A esquerda, de fato, apenas pode existir como projeto, como valores e como capacidade de ação política em um universo onde o futuro tem seu lugar, onde nem tudo está dominado pela atualidade, por um lado, e pelo questionamento dos valores universais, por outro lado. Ela também precisa incorporar valores universais e que esses estejam ligados a projetos de emancipação e de acréscimo de direitos.

Ora, por um lado, a evolução tecnológica favoreceu o que o historiador François Hartog chamou de "presentismo", a incapacidade de se pensar fora da atualidade, de se projetar longe no futuro e, portanto, também de considerar

*le passé. Il n'y aura reconstruction de la gauche que lorsque son personnel politique et ses responsables sauront ne pas être prisonniers du présent, des chaînes d'information en boucle comme BFM ou CNN.*

*Et d'autre part, l'universalisme de la raison et du droit est aujourd'hui très contesté, et mérite d'être repensé pour tenir compte de la parole des dominés et des exclus, qui ne croient plus dans les promesses de ce qui leur semble un discours de dominants, de blancs (par rapport aux peuples de couleur), du Nord (par rapport au Sud), d'hommes (par rapport aux femmes), etc. Il n'y aura pas de gauche sans une capacité à repenser l'universel, et à éviter son contraire, qui s'observe chaque jours dans les médias sociaux : la fragmentation, la fermeture des réseaux sur eux-mêmes, et aussi la connivence, qui devient presque obscène, entre les médias plus classiques et la classe politique, toutes tendances confondues. La gauche n'a pas besoin de créer de nouveaux médias, de nouveaux journaux, elle a besoin de repenser sa relation à l'information et à la communication avec les médias existants.*

inteligentemente o passado. Somente haverá reconstrução da esquerda quando seu pessoal político e seus líderes conseguirem não estarem prisioneiros do presente, dos canais de informação em cadeia como o BFM ou a CNN.

E por outro lado, o universalismo da razão e do direito é hoje muito contestado e merece ser repensado para que se leve em conta a palavra dos dominados e excluídos que não acreditam mais nas promessas daquilo que lhes parece ser um discurso de dominantes, de brancos (com relação aos povos de cor), do Norte (em relação ao Sul), de homens (em relação às mulheres), etc. Não haverá esquerda sem a capacidade de se repensar o universal e evitar seu contrário que se observa a cada dia nas mídias sociais: a fragmentação, o fechamento das redes sobre elas mesmas, e também a conivência que se torna quase obscena, entre as mídias mais clássicas e a classe política, todas as tendências confusas. A esquerda não precisa criar novas mídias, novos jornais, ela precisa repensar sua relação com a informação e a comunicação com as mídias existentes.